

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

ALINE FRASSETTO BORGES

**ABORDAGENS SOBRE RELIGIOSIDADE NA GUERRA DO
CONTESTADO**

CRICIÚMA

2014

ALINE FRASSETTO BORGES

**ABORDAGENS SOBRE RELIGIOSIDADE NA GUERRA DO
CONTESTADO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
para obtenção do grau de Licenciado e
Bacharel no curso de História da Universidade
do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Paulo Sergio Osório

CRICIUMA

2014

Dedico este trabalho a Deus, aos meus pais, aos professores do curso de História da UNESC, e em especial ao orientador prof. Me. Paulo Sérgio Osório pela dedicação e empenho.

RESUMO

Esse trabalho tem como finalidade fazer uma análise historiográfica das obras de Marli Auras, “Guerra do Contestado: A Organização da Irmandade Cabocla”; Oswaldo Rodrigues Cabral “A Campanha do Contestado” e Mauricio Vinhas de Queiroz “Messianismo e conflito social (A Guerra sertaneja do Contestado: 1912 – 1916)”, retratando a religiosidade como ponto central, que acabou em uma impensável guerra nos sertões catarinense, veio a tona o surto de fanatismo religioso, adeptos ao monge José Maria. Os caboclos consideravam a república usurpadora e adotavam o ideal comunitário de vida, defendendo um mundo fraterno. O domínio dos grandes coronéis, a expulsão de posseiros que lutavam pelo direito da terra, deflagrando no conflito.

Palavras chave: Guerra do Contestado. Análise Historiográfica. Religiosidade

SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO	6
2GUERRA DO CONTESTADO	8
2.1 CONCEITUANDO HISTORIOGRAFIA.....	14
2.2 RELIGIÃO – INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE NO CONTESTADO	15
3 A RELIGIOSIDADE NA GUERRA DO CONTESTADO.....	18
3.1 RELIGIOSIDADE NA PERSPECTIVA DE MARLI AURAS	35
3.2 RELIGIOSIDADE NA PERSPECTIVA DE VINHAS DE QUEIROZ	26
3.3 RELIGIOSIDADE NA PERSPECTIVA DE CABRAL	19
3.4 COMPARANDO AS OBRAS DE AURAS, VINHAS DE QUEIROZ E CABRAL...	40
4. CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS.....	44

1INTRODUÇÃO

A Guerra do Contestado se estendeu de 1912 a 1916, foi um conflito armado entre a população cabocla e os representantes do poder estadual e federal brasileiro, envolvendo os estados do Paraná e Santa Catarina, a área disputada era rica em erva mate e araucária.

Trata-se de um estudo que analisa o contexto histórico da atuação da Brazil Railway Company na região do contestado, no centro da qual seria construída a ferrovia São Paulo – Rio Grande do Sul. Posseiros que ocupavam a área foram desalojados a força e expulsos de suas terras. Posteriormente chegou a madeireira Southern Brazil Lumber & Colonization se instalou na região e contratou milhares de camponeses, com mão de obra barata e ambas as empresas pertenciam ao magnata norte americano Percival Farquhar. Quem não trabalhava para Farquhar, trabalhava para os coronéis na colheita de erva mate, sendo igualmente explorados. Após a construção da ferrovia esses trabalhadores ficaram sem destino, ocasionando agitação para a revolta. Segundo Serpa¹, os fatores do conflito são abordados por diferentes pensamentos, dentre os quais se destacam: alvos de disputas por questões de limites de terra, movimento social, pelo fanatismo religioso dos caboclos e as relações capitalistas.

A Guerra do Contestado mostrava a forma com que o governo tratava as questões sociais na Primeira República. Os interesses financeiros de grandes empresas, como a empresa Norte Americana e os coronéis ficavam sempre acima das necessidades da população mais pobre.

Tem como objetivo abordar as ações e acontecimentos da compreensão da cultura popular dos sertanejos, o catolicismo rústico como sendo um dos fatores de envolvimento religioso da população pobre e oprimida da época, estes eram caboclos sem terras, refugiados, desvalidos em geral, que nos redutos encontravam proteção contra o autoritarismo dos coronéis. E algumas características do conflito social, a vida dos caboclos nos redutos, luta por direitos da terra, a figura da atuação dos monges João Maria De Agostini, João Maria de Jesus e José Maria. Evidenciando a importância que passa a ter para esses sertanejos a presença de um líder religioso, que ajudava nos momentos de dificuldades, compartilhava de

¹ SERPA, Élio. **A Guerra do Contestado (1912 – 1916)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999. p. 11

costumes e das vivências desse povo, pregavam a esperança de uma vida melhor através da fé.

Será analisada a trajetória dos monges profetas, que uniu pessoas em torno de um ideal, levou à organização do grupo e distribuiu funções a cada um, onde o igualitarismo e a fraternidade tornavam-se necessários. A partir dessa análise, veremos a crença em líderes religiosos que pode ser contextualizada na região do Contestado, onde surgiram essas personalidades ditas “santas”, pregando uma religião baseada em uma vida melhor, receitando ervas, aconselhando e vivendo em extrema pobreza.

Essa contextualização tem o intuito de contribuir para o melhor entendimento do tema a ser analisado. É importante o estudo do contestado, que foi um dos movimentos sociais que ocorreu no Brasil - Santa Catarina e Paraná – Teve significância não apenas social e economicamente, influenciou a vida, a cultura e a religiosidade dos que dele sobreviveram e seus descendentes dentro do território contestado.

Para essa pesquisa, será utilizado fontes bibliográficas do estudo de autores como Mauricio Vinhas de Queiroz: *Messianismo e Conflito Social*; Marli Auras: *Guerra do Contestado, A organização da Irmandade Cabocla e Oswaldo Rodrigues Cabral, A Campanha do Contestado*.

Essa abordagem baseia-se em uma pesquisa em obras de cunho histórico. Para refletir sobre historiografia, optamos para o olhar clínico do historiador inglês Peter Burke, desta forma, buscamos compreender os seis pontos de contraste entre a História Tradicional e a Nova História.

Esse trabalho está dividido em dois capítulos: O primeiro será realizado uma pesquisa historiográfica, contextualizando a Guerra do Contestado, posteriormente, explicitar o conceito de historiografia, referente às reflexões de Peter Burke, e conceituar religião e as práticas religiosas no Contestado.

No segundo capítulo, apresentaremos uma análise, enfatizando a religiosidade, o messianismo, a irmandade cabocla, o catolicismo rústico, a saga dos monges e o imaginário dos sertanejos.

Justifica-se esse trabalho como uma pesquisa historiográfica da Guerra do Contestado, visando compreender melhor o estudo das obras dos autores em questão.

2 GUERRA DO CONTESTADO

Os estudos historiográficos sobre a Guerra do Contestado indicam que foi um conflito armado entre o exército e os sertanejos moradores do planalto serrano, entre as fronteiras de Paraná e Santa Catarina. A área contestada era delimitada pelos rios Uruguai, Iguaçu e do Peixe e pela fronteira com a Argentina.

Figura 1 – Mapa da região do Contestado



Fonte: <http://www.neanous.com/2013/10/guerra-do-contestado.html>

Conforme definido por Serpa², este movimento expressa diversos sentidos de luta: Luta pela posse e uso da terra, luta pela preservação dos seus valores culturais expressos na sua religiosidade, luta pela sobrevivência e luta contra a penetração das relações capitalistas no campo.

Nesse contexto, entendemos que a guerra do Contestado foi caracterizada como uma forma de luta que o sertanejo usava para reivindicar seus direitos dentro da sociedade.

O litígio das terras contestadas teve início em 1853, quando começou a disputa de limites entre os estados de Santa Catarina e Paraná. As rixas entre os

² SERPA, Élio. **A Guerra do Contestado** (1912 – 1916). Florianópolis. Ed UFSC, 1999. P. 11

dois estados vão se arrastando através de medidas puramente de ordem política, os ânimos vão se acirrando e para o caboclo miserável e pobre nada significava pertencer a Santa Catarina ou Paraná. Para eles, o estado não existia. Seus referenciais eram os coronéis e o monge.

Em 1881, outra tensão na área. Agora, da presença de um novo reclamante, a Argentina pretendia a região. Essa tensão foi resolvida pelo presidente americano Grover Cleveland, dando ganho de causa ao Brasil.

Com a proclamação da república, os estados de Paraná e Santa Catarina continuam lutando pela integridade de seus respectivos territórios, em 1904 o Supremo Tribunal Federal deu ganho de causa a Santa Catarina. O estado do Paraná interpôs recurso, e entraram pela terceira vez em disputa da questão dos limites das terras. Em 1910, o Supremo Tribunal Federal confirma a sentença em favor de Santa Catarina.

Mas foi em 1916 que realmente os governadores Filipe Schmidt (SC) e Afonso Camargo (PR) assinaram o acordo da região contestada, que perdura até os dias atuais.

Outrora nos sertões do sul do Brasil, terras férteis e propícia para o pastoril, ricas em pinheirais e ervais, o povoamento centralizavam-se em determinadas vilas que cresciam lentamente. Os caboclos eram homens livres, mas subordinados aos coronéis, donos das terras. Humildes, sobreviviam em função da economia extrativista, como a coleta da erva mate, com a criação do gado, assim, o caboclo garantia seu sustento.

A existência de ervais nativos na região do Contestado possibilitou as atividades extrativas, exercidas pelos caboclos, que durante o inverno adentravam-se nas matas para a retirada das folhas e dos galhos que eram vendidos de onde tiravam seu sustento mínimo. O mate, que era de livre exploração do caboclo, alcançou destaque comercial e passava ser privilégio dos senhores de terra.

Com a extração cada vez maior da erva mate, passou de uma produção de uso interno para o mercado externo, e milhares de imigrantes e estrangeiros vieram habitar essa região, dessa forma as terras passavam a ser alvo de cobiça. Provocando mudanças econômicas e sociais complexas, interferindo na economia e na distribuição de terras locais por parte dos poderes federais.

Com a chegada de novas forças econômicas, representada pela empresa Norte Americana do grupo Farquhar, com fins de construir a estrada de ferro, a

autonomia dos caboclos passava a ser propriedade do grande capital e do poder dos coronéis.

Os grandes proprietários de terras, através de leilões, legalizavam sua propriedade, com essa lei de terras, os caboclos se vêm privados de suas terras. A região era especificada, de um lado, representada pelos coronéis, que dispunham da posse legal de grandes porções de terras, e de outro, a parte predominante, ervateiros, caboclos e posseiros que eram impossibilitados de participarem dos lucros.

As áreas devolutas eram adquiridas em vastas porções, sendo o título de propriedade, formalizado pelos governos imperial e republicano por todos aqueles que, no jogo econômico – político de então eram suficientemente fortes para terem seus interesses atendidos.³

No início do século XX, a região do Contestado passava a ser ocupado pela empresa Norte Americana, para a construção de empreendimentos, com destaque para as estradas de ferro e os grandes complexos madeireiros. Fundada pelo americano Percival Farquhar. Onde o governo cedeu uma faixa de terra de quinze quilômetros para cada lado da estrada para Brazil Railway Company, na qual seria construída a ferrovia São Paulo – Rio Grande do Sul, que passaria por dentro de terras devolutas, com o intuito de ligar as províncias de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul pelo interior.

A seguir a madeireira Southern Brazil Lumber & Colonization se instalou na região, com o objetivo de explorar os recursos florestais. Contratou milhares de operários com mão de obra barata. Esses trabalhadores vieram de várias partes do Brasil, sem conhecimento de suas origens ou classe social. A maioria desses trabalhadores era composta de imigrantes. Parte desses foram trazidos pela própria companhia, outros abandonaram as regiões de origem para tentar outra lucratividade.

A empresa Brazil Railway Company cria uma subsidiária e instalou na cidade de Três Barras, uma madeireira chamada Southern Brazil Lumber and Colonization, para exploração da madeira da floresta da araucária na região, a Lumber também explorava comercialmente a imbuia, o cedro e a canela, em escala menor que o pinheiro. Dispunha de maquinário de alta

³ AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: A organização da Irmandade cabocla. Florianópolis: Ed. UFSC, 1984, p. 29

tecnologia. A Brazil Railway e sua subsidiária Lumber, se associou as lideranças políticas dos respectivos estados Paraná e Santa Catarina para evitar embaraços legais e obter facilidades administrativas, para a exploração e extração madeireira.

Na presença da ferrovia São Paulo – Rio Grande intensificou o processo de exploração madeireira, permitindo que amplas áreas dos estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande fossem explorados. Não só o homem sofreu com as consequências da devastação como também o meio ambiente.

Assim, ao analisar a trajetória do processo do desmatamento das florestas de araucária, praticado pela empresa Norte Americana, sob o prisma da historiografia, nos revela o impacto da devastação da floresta causado pela mesma.

Os acordos firmados pelo governo brasileiro com as empresas Farquhar, levaram a culminar no intenso processo de expulsão dos posseiros e a falência de pequenos proprietários que viviam da terra ou da extração da madeira, e o litígio entre os dois estados contestados, norteando as ações dos caboclos e o confronto com a nova legislação. Com a instalação dessas empresas norte americana e a exploração madeireira o caboclo do sertão catarinense que sobrevivia dos meios alternativos da mata araucária, empobrecidos, passavam a correr atrás de emprego e comida. Os caboclos expulsos das terras e sem perspectivas uniram-se em grandes grupos “fanatizado”, ou seja, pessoas com esperança de um mundo melhor, para combater as injustiças que estavam sofrendo.

O coronelismo influenciava em tudo e em todos na região. Com a chegada do capitalismo, novas relações sociais foram se estabelecendo, destruindo antigos laços existentes na região, como por exemplo, o costume de um caboclo convidar o coronel ou uma pessoa abastada para padrinho de seu filho, conhecido como laços de compadrio. Dessa maneira, para os agregados esses laços significava proteção e para os coronéis, exercer domínio sobre tais.

[...] Assim, embora eclipsada pelas “associações morais” decorrentes do compadrio, havia efetivamente uma estrutura de dominação que, para manter-se enquanto ordenação econômico-social, gerava, contraditoriamente, espaços de autonomia nos quais se dava possibilidade de uma libertação real – haja vista de uma presença “consciência nivelador” – por parte do dominado.⁴

⁴AURAS, Marli. “**Guerra do Contestado**: A organização da Irmandade cabocla. Florianópolis: Ed. UFSC, 1984. p. 33

Finalizada a construção da ferrovia, de norte a sul, cerca de oito mil trabalhadores foram demitidos e não retornaram a sua região de origem, sem perspectivas, vagueavam pelos sertões em busca de sobrevivência.

A empresa Norte Americana, de forma violenta, expulsou esses posseiros, que passaram a reivindicar seus direitos. Este fator evidencia a multiplicidade da problemática do contestado que contribuiu para o agravamento dos problemas na região.

Supostamente esses trabalhadores misturaram-se a população cabocla do contestado e integraram a agitação dos graves acontecimentos posteriores.

Os caboclos expulsos e desempregados passaram a viver em acampamentos ou redutos sob a liderança de uma personalidade religiosa – José Maria - dizia-se herdeiro espiritual do beato João Maria de Agostini, primeiro monge, líder messiânico que havia percorrido a região anos atrás. Passam a sobrevalorizar as práticas religiosas, direcionadas na crença, no místico, na ressurreição.

As influências da religião no conflito do Contestado, incitou os caboclos a lutarem por este ideal igualitário. Esses caboclos realizaram forte resistência à instalação de empreendimentos, que visavam lucros na região, lutando contra o poder público para valer seus interesses. As múltiplas influências e culturas implícitas nos atos de crença, reflete uma nova ideologia de fé.

A religiosidade popular na região do contestado era conhecida como catolicismo rústico, manifestado através das práticas mágico-religiosas, onde cada sertanejo tinha suas orações, umas para o mal olhado, utilizavam patuás, relacionados a lendas de monges e curandeiros. Gerando assim, conflitos com a igreja católica. O catolicismo rústico do contestado afastava-se cada vez mais da ortodoxia da igreja. O monge representava para os sertanejos um conselheiro espiritual excedendo o poder dos padres na hora do sacramento.

É importante ressaltar a trajetória de três monges profetas, que percorreram os caminhos do sertão, com pregações, rezas e aconselhamentos. A presença dos monges no Contestado antecede a guerra. O primeiro monge, nomeado João Maria de Agostinho, a ele foi atribuídos milagres e prodígios.

Percebe-se que a prática missionária de João Maria de Agostinho não chamou atenção por parte da hierarquia eclesiástica, pois este não aliciava adeptos para formar uma nova seita, não se abstinha de assistir missas e,

muitas vezes, no final dela, aproveitava para dirigir palavras a seus ouvintes não se imiscuindo em assuntos de trabalho pastoral do clero.⁵

Ao se referir ao segundo monge, João Maria de Jesus, fazia profecias anunciando o fim do mundo, conquistou com maior intensidade o desafetada igreja católica, pelo fato de realizar batizados, casamentos e contestar com o Frei Rogério Neuhaus, que sua reza valia tanto quanto sua missa. Na área política criticava a república, declarando que esta era ordem do demônio enquanto a monarquia era ordem de Deus, juntamente com os sertanejos, manifestavam afinidade pela monarquia, sentido-se desamparados pelo governo, começaram a se revoltar e culpar o regime republicano por tudo o que estava acontecendo.

O terceiro monge, José Maria, seria o monge da revolta, desertor da força pública de Paraná, dizia ser irmão do beato João Maria Agostini. Ao contrário dos outros monges, que peregrinavam anos atrás, gostava desses amontoados de sertanejos, e logo começou organizar acampamentos, chamados de quadro santo. Tinha como ídolo o imperador Carlos Magno, e nas horas de folga fazia a leitura aos que o seguia.

Entre os que se agruparam em torno do monge, estava boa parte daqueles que, expulsos das terras, haviam ficado sem domicílio certo, sem fontes de trabalho e de renda, resultado da concessão feita a São Paulo - Rio Grande.⁶

José Maria começou a preocupar não somente a igreja, mas também o governo que via em seu aglomerado de caboclos uma possível desordem, imediatamente enviou um destacamento para dissolver o grupo. Desta forma, o monge e seus seguidores partem para o município de Irani. Para defender seu território, o então governador de Paraná manda um contingente do Regimento de Segurança do Paraná para expulsa-los. Com a recusa de José Maria, para depor na delegacia de Palmas (PR), ocorre o primeiro confronto.

O regimento de segurança, sob comando do coronel João Gualberto na madrugada do dia 22 de outubro de 1912, atacou o reduto dos rebeldes, onde os seguidores do monge tinham se refugiado. No combate morreram José Maria, uns rebeldes, o capitão Gualberto e mais alguns soldados. O restante da tropa bateu em retirada, deixando armas e munições para os rebeldes. “Este fato fez com que os

⁵ SERPA, Élio. **A guerra do contestado (1912 – 1916)** Florianópolis: Ed. UFSC, 1999. p. 33

⁶ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A Campanha do Contestado**. Florianópolis: Lunardelli, 1979, p. 181

seguidores do profeta tivessem que se reorganizar, e as forças do governo passaram a considerar a situação como guerra”.⁷

A morte do monge José Maria em vez de abater o fôlego dos sertanejos, aumentou ainda mais sua confiança na vitória. Esses sertanejos estavam repletos de uma profunda crença de como José Maria, “morto” iria aconselhar e estimular os passos a serem percorridos por seus seguidores. Alguns jovens passaram a receber mensagens ou ter visões do irmão que convidava o povo para a guerra. Os caboclos com suas crenças acreditavam que mesmo após a morte, o monge estaria em batalha, ajudando e encorajando para a luta.

2.1 CONCEITUANDO HISTORIOGRAFIA

Para esse estudo e a compreensão sobre historiografia, se faz necessário utilizar as reflexões de Peter Burke e seus seis pontos de contraste entre a História Tradicional e a Nova História. A historiografia também compreende o passado, sendo uma ciência que estuda e analisa os fatos históricos ao longo do tempo.

Segundo Peter Burke⁸, as mudanças sofridas pela historiografia são feitas pelo viés da corrente chamada Nova História, é aquela praticada como uma reação deliberada contra o paradigma historiográfico Tradicional.

No início do século XX a historiografia com tendência positivista era muito questionada, devido às circunstâncias de estar fundamentada em instituições e na elite, valorizando fatos e datas e priorizando os grandes feitos e personagens. A partir de então, surge uma mudança com uma nova visão de historiografia, com novas possibilidades e utilização maior de fontes, onde analisa-se estruturas, relatando os acontecimentos de longa duração, abrangendo novas teorias e mencionando uma história vista de baixo.

Ao explorar Burke, percebemos que o primeiro paradigma Tradicional refere-se somente a história política. A nova história importa-se por toda atividade humana, evidenciando uma história total.

⁷ SERPA, Élio. **A Guerra do Contestado** (1912-1916). Florianópolis: Ed. UFSC, 1999. P.41

⁸ BURKE, Peter. **A escrita da Nova História: Abertura a Nova História, seu passado e seu futuro**. São Paulo: USP, 1992, p.10

Em um segundo momento, percebe-se que na história tradicional se pensa na história como narração dos grandes fatos. Já a nova história preocupa-se em analisar as estruturas.

A partir do ponto de vista de Burke, o terceiro ponto entre a História Tradicional tem uma visão vista de cima, com personagens poderosos. A nova História tem uma visão vista de baixo que visa a vida cotidiana.

O quarto ponto, Burke evidencia que no paradigma tradicional os documentos oficiais são os que interessam. A Nova História aceita qualquer tipo de documento, incluindo a fonte oral.

Conforme Burke, no quinto ponto de contraste, o historiador tradicional explica por meio da vontade do indivíduo histórico, na Nova História preocupa-se com os movimentos sociais.

Ao analisar o sexto ponto percebemos que o paradigma tradicional considera a história como a ciência objetiva, a nova história não crê na possibilidade de uma objetividade total.

Evidencia-se que o paradigma tradicional não estava preparado para atender a nova estrutura política e social, o que tornou possível a consolidação da Nova História.

2.2 RELIGIÃO – INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE NO CONTESTADO

A religião nunca esteve isenta da vida do ser humano desde que começou a pensar e questionar sobre sua existência. Essa aflição despertou a curiosidade do sobrenatural e essa percepção os fez refletir sobre a dimensão religiosa.

Todos procuram explicar a origem da religião. Para uns ela surgiu pela necessidade das pessoas darem sentido à vida e obterem respostas para suas perguntas. Para outros, a religião tem como definição a crença em Deus, espíritos, seres sobrenaturais ou na vida após a morte. Religião é o que liga o homem ao divino reverenciando as coisas sagradas.

Há alguns anos atrás a educação era voltada para a religião que fazia parte do cotidiano e essa fé, tinha como base o sustento da vida do ser humano.

A consciência de Deus é autoconsciência; o conhecimento de Deus é autoconhecimento. A religião é o solene desvendar dos tesouros oculto do homem, a relação dos seus pensamentos íntimos, a confissão aberta dos seus segredos de amor.⁹

A humanidade professa alguma crença religiosa. É nela que o ser humano se orienta, dando propósito e destino à suas buscas e esperanças. As religiões fazem parte da cultura humana, elas inspiram as artes, políticas e costumes.

Atualmente, no Brasil as pessoas têm liberdade para escolher o tipo de religião que deseja seguir ou não.

A liberdade religiosa não consiste apenas em o Estado a ninguém impor qualquer religião ou a ninguém impedir de professar determinada crença. Consiste ainda, por um lado, em o Estado permitir ou propiciar a quem seguir determinada religião o cumprimento dos deveres que dela decorrem (em matéria de culto, de família ou de ensino, por exemplo) em termos razoáveis.¹⁰

Religiosidade é um sentimento que questiona, presente em todos os seres humanos ou crê sobre forças superiores, em busca do sagrado. As práticas da religiosidade, muitas vezes confundidas com bruxaria, feitiçaria, nada mais são que expressões de várias doutrinas diferentes. Um exemplo deste é a religiosidade popular que nela expressam a fé, pois manifestam o sentimento religioso tentando encontrar soluções para seus problemas existenciais.

Desse modo, é imprescindível não deixarmos de relatar os acontecimentos da religiosidade ocorridos na Guerra do Contestado, envolvendo a importância histórica para o esclarecimento das ações dos sertanejos.

No que se refere à religiosidade, a igreja católica era predominante exercendo poder na região. Mas raramente eram administradas por um sacerdote, as rezas eram puxadas por um capelão, pois a quantidade insuficiente de padres no sertão catarinense não satisfazia a população, assim os sertanejos voltaram sua fé aos monges dando início a religiosidade popular.

Na região contestada é praticamente impossível desagregar o religioso do político, ambos alternam-se simultaneamente. Na figura dos monges, a crença do

⁹ALVES, Rubens. **O que é religião**. Coleção primeiros passos. 1999, p. 13

¹⁰ MIRANDA, Jorge. **Manual de direito constitucional**. 3. ed. Coimbra: Coimbra ed, 2000, t.4. p. 409.

povo que os idealizavam de santos, trazendo alento e esperança de tempos melhores.

3 A RELIGIOSIDADE NA GUERRA DO CONTESTADO

Nesse segundo capítulo, dando sequência a análise de obras sobre a Guerra do Contestado será abordado especificamente a religiosidade com suas crenças e práticas religiosas presentes no imaginário, a saga dos três monges, o catolicismo popular em contradição do catolicismo oficial.

As obras a serem analisadas da Guerra do Contestado serão: Marli Auras “Guerra do Contestado: A organização da Irmandade Cabocla”, Mauricio Vinhas de Queiroz “Messianismo e conflito social. (A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912 – 1916)”, Oswaldo Rodrigues Cabral “A Campanha do Contestado”.

Auras é uma professora aposentada da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e autora do livro Guerra do Contestado: A Organização da Irmandade Cabocla (lançado em 1984 pela Ed. da UFSC e pela Ed. Cortez). Possui graduação em Geografia também pela UFSC, mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia e doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991).

Mauricio Vinhas de Queiroz, sociólogo, doutor em ciências pela universidade de São Paulo, tenta explicar por meio do conceito de messianismo o comportamento dos caboclos. Preocupou-se em destacar a tensão social existente na região. Tem maior interesse à questão de terras e ao abusivo poderio dos coronéis e grandes fazendeiros.

Oswaldo Rodrigues Cabral foi medico, professor, ficcionista, ajudou muito na historiografia, produzindo diversas obras sobre Santa Catarina. Foi professor da Universidade Federal de Santa Catarina, onde é lembrado na denominação do Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral. Cabral tem uma visão tradicional que prioriza a narração dos grandes fatos, evidenciando os heróis e poderosos.

É fundamental para a compreensão da sociedade regional o estudo dessas obras sobre o conhecimento da História do Contestado, que foi um dos maiores conflitos que ocorreu no sul do Brasil.

3.1 RELIGIOSIDADE NA PERSPECTIVA DE CABRAL

Oswaldo Rodrigues Cabral – Campanha do contestado. Para o autor vários foram os fatores que levaram o homem do sertão catarinense recorrer à força. Cabral não nega que o elemento religioso não abstraísse uma participação no conflito. Foi uma luta de desajustados, uma luta extremamente social e que, por ser incompreendida no seu início resultou na morte de tantos sertanejos. A questão de limites entre os estados de Paraná e Santa Catarina, estimulou a luta desses marginalizados.

As fontes por ele utilizadas foram como base a fonte oral, enumerando os diversos depoimentos e testemunhos, a cópia fotostática do registro de João Maria de Agostini, cedido pelo presidente do Instituto Histórico de Sorocaba, artigos dispersos em velhos jornais, fotocópias, coleta de elementos e de fotografias na região do ex-contestado, depoimentos escritos de grande valia conseguido por Walter Fernando Piazza na região Planaltina e no oeste Catarinense, e o material recolhido nas pesquisas e folhetos conseguido na região de Maria Isaura Pereira de Queiroz.

A obra está dividida em quatro capítulos, dos quais o primeiro capítulo o autor aborda a Geopolítica e a questão de limites, dando ênfase ao território da região contestada, Santa Catarina e Paraná.

No segundo capítulo, o autor retrata os monges, João Maria de Agostini, João Maria de Jesus e José Maria – o derradeiro monge.

No terceiro capítulo, descreve a campanha do Contestado, do Irani a Taquaruçu do Bom Sucesso – de Caragoatá a Santa Maria.

E no quarto capítulo, as sobrevivências religiosas e a pesquisa.

Segundo Cabral, São João Maria, pessoa de coração generoso, de fé, passou a compor um dos santos mais venerados pelos sertanejos da região do Contestado no catolicismo rústico. Com seus ensinamentos conquistou a simpatia e o amor daquele povo humilde como ele.

Conforme Cabral, João Maria de Agostini, italiano, nasceu em Piemonte, religioso que vivia na solidão e que pouco procurava o convívio com seus semelhantes. “O seu abrigo, contou era uma cavidade do penhasco; as suas refeições, as mais simples e frugais; e a fonte que ao lado do rochedo brotava,

fornecia água pura e fria, único líquido que o ermitão usava”¹¹. Tinha por praxe, levantar cruzeiros como símbolo da fé cristã, com a ajuda dos matutos da região, em suas conversas, aconselhava sobre orações e arrependimentos. As vezes assistia a missa rezada na capela.

De acordo com o autor, no Campestre, em Santa Maria, iniciou a devoção em Santo Antão cuja imagem ele havia pedido ao padre Tomé. Neste local ele rezava e peregrinava. Os doentes que procuravam pelo monge para a cura sobrenatural eram pessoas sem outra esperança se não aquela. Outros eram dos cismáticos que protegidos pela fé, já saíam curados, pois as doenças estavam apenas em sua imaginação. A água da fonte e a fé do povo no santo monge vieram consolidar o respeito e crença nas ações miraculosas. O eremita começa a pregar a palavra com mais frequência e são as virtudes da igreja e a palavra do evangelho que aumenta o número de crentes. Sua relação com o clero católico continuou amigável.

Cabral analisa, com base em informações de Otacílio Costa, que por volta de 1862, foi erguido na cidade de Lages o seu cruzeiro e como sinal de fé e como símbolo de sua estadia, uma cruz ali se ergueu nesses sertões inacessíveis.

E um dia, como um fantasma, filho da própria floresta, aparecia um velho de barba intonsas, pés maltratados, dentro de alpercatas de couro cru, um barrete de pele de tigre na cabeça, uma sacola às costas, um velho livro de orações, um cajado na mão, curvado ao peso dos anos e das caminhadas longas. Não dormia nas casas, recusava o colchão e o travesseiro e, para alimento, cozia umas ervas...¹²

Cabral descreve que João Maria de Agostini retornou a Sorocaba, permanecendo ali por algum tempo entre suas orações e devoções. Sobre sua morte, ocorreram diversas interpretações, dentre elas, morto por algum animal, assassinado por algum facínora ou pela idade avançada, de estar com mais de um século de existência. Mesmo com sua morte, não impediu de que lendas o cercasse.

Cabral demonstra que o monge João Maria de Jesus (AnastásMarcaf), passou a trilhar os mesmos caminhos que o anterior. Levava consigo pertences sacros, como crucifixo, imagens de santos, entre outros. Dava conselhos para o povo que tivessem crença em Deus e esforço para seguir o caminho correto. Fazia

¹¹ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A Campanha do Contestado**. 2 ed. ver Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 110

¹²Idem p. 138

algumas profecias, como anunciar calamidades. Procurava sempre um local com boa água, onde transformava-se em fontes de milagres, praticava alguns atos menos ortodoxos, em relação à religião, como batizar e não frequentar a igreja.

Para Oswaldo Rodrigues Cabral o fato de o segundo monge ter tomado o nome do seu antecessor e pelos sertanejos considerarem os dois monges um só, era a magia do nome, João Maria que os sertanejos guardavam na memória como sendo um santo, inspirado de Deus.

Tendo tomado o nome do eremita que o precedera – ou com ele sido confundido – para melhor aceitação, entre as turbas, identificando a sua personalidade com a do Piemontês, não cuidando de fazer o seu nome, mas de exaltar o que adorara, fez reviver a sua memória, ampliou a área em que a mesma se tornaria conhecida e tornou uma só pessoa as que eram verdadeiramente duas.¹³

Segundo o autor, em depoimentos de pessoas que conheceram João Maria de Jesus, descrevem que era um homem bonito, cabelos castanhos ainda não grisalhos, usava alpercatas nos pés. Carregava uma barraca, não aceitava hospedagem, gostava de falar sobre política, falava sobre revolução e pressagiava a volta dos federalistas. Em outros depoimentos, relatos de benzeduras e curas, carregando consigo rosários, uma pequena caixa do tipo oratório portátil, da qual frei Rogério também havia mencionado. Estes são os ícones de um santo, para o povo do planalto.

É o santo do sertanejo, que lhe faz promessas, que lhe acende velas, que lhe invoca proteção, que o torna intercessor junto ao Onipotente, o santo que desfruta do privilegio de possuir um lugar certo em todos os oratórios toscos das casas e choupanas do homem do planalto. Foi um homem bom – e o povo o santificou...¹⁴

De acordo com Cabral, do mesmo modo como seu antecessor, João Maria de Jesus, desapareceu. Continuando vivo e presente na memória dos sertanejos como nos primeiros dias.

Cabral analisa o surgimento de um terceiro monge, Miguel Lucena de Boaventura, ex soldado do exército ou da força policial de Paraná, não se sabe ao certo. Com o legado de seus antecessores, revela a impostura por fazer-se irmão do

¹³Idem p. 163

¹⁴Idem p. 170

antigo beato, tomando o nome de José Maria de Santo Agostinho. Para o autor, José Maria era um perfeito farsante, que calculou uma audácia no sentido de dominar aquele povo desfavorecido.

José Maria diferenciava-se dos monges anteriores em alguns quesitos, mas, aos olhos do sertanejo, o importante era o retorno do irmão bondoso.

Era menos rigoroso nos seus hábitos, não apreciava isolamento, não se recolhia para colocar-se em contato com o criador, não se mortificava nem fazia penitências. A frugalidade, a continência, a caridade, que nos outros foram virtudes patentes, não era o seu forte. Consta-se mesmo que, da sua fama, que logo adquiriu, procurara tirar lucro e que das suas crenças, quando eram bonitas, fazia suas companheiras.¹⁵

Cabral narra que os sertanejos da região do ex-Contestado estavam inquietos pelo fato de terem sido expulsos de suas terras para a implantação da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande, sem trabalho, encontrando auxílio ao lado do monge.

Segundo Cabral, o domínio de José Maria sobre os sertanejos era extenso e com sua popularidade começou aglomerar muita gente ao seu redor. Com experiência de ex militar organizou acampamentos dos quais designou de Quadro Santos, distribuindo aos seus seguidores mais habilitados a direção da reza e da forma. Tinha simpatia pelo regime monárquico e gostava de contar a história de Carlos Magno e seus doze pares de França a seus adeptos, tendo como ideia, reunir uma guarda de honra de 24 sertanejos aos quais chamou os Pares de França. Desta maneira, acabou despertando a atenção do governo que via em seu aglomerado uma possível desordem.

Como podemos observar, o autor descreve as denúncias feitas as autoridades para a expulsão de José Maria e seus seguidores de Curitiba. Para alguns o motivo foi a rivalidade política entre as influências locais: Os Albuquerque e os Almeida. Outro fato foi de o monge se negar a atender uma pessoa doente da família Albuquerque. O vice governador, atendendo ao pedido de Albuquerque, manda um contingente da força pública do estado.

Não houve dificuldades que obrigassem o emprego da violência para dissolver o grupo. José Maria atendeu às autoridades e, levando o acampamento, desmanchando o Quadro Santo, transpôs as fronteiras do

¹⁵ Idem p. 180

Estado, indo fixar-se nos Campos do Irani, então Município de Palmas (Estado de Paraná) e hoje no de Joaçaba (Santa Catarina).¹⁶

Segundo Cabral, José Maria e seus seguidores se instalaram no município de Palmas e desse modo continuavam a reunir adeptos e receiptando ervas, criticando o governo do estado vizinho por terem os expulsados e armam-se de facões e de madeira dura para usar em qualquer eventualidade. No estado do Paraná, a notícia de que um bando armado catarinense estavam invadindo seu território levou o regimento de segurança sob o comando do coronel João Gualberto Gomes de Sá a reprimir esse bando.

Cabral destaca que João Gualberto havia intimado o monge para explicar aquele aglomerado de sertanejos armados e José Maria não compareceu para depor. João Gualberto ficou enfurecido e resolveu atacar o acampamento, na madrugada de 22 de outubro, quando os sertanejos estavam na reza, não esperavam pela luta e nem a desejavam. No início não apresentaram resistência, inesperadamente investiram contra as tropas com facão, foice e machado, gritando o nome de João Maria e José Maria simultaneamente.

Com a metralhadora engasgada o comandante João Gualberto cai a golpes à facão dos fanáticos. E a fuga do restante da tropa do coronel escapam deixando armas em poder do restante dos sertanejos. José Maria também morre nos campos do Irani, assim finalizando a curta trajetória do monge José Maria e iniciando-se a luta armada do Contestado.

O sangue fora derramado. Quando isso acontece, o ódio penetra no coração dos homens. O desejo de vingança exige mais sangue. Vem das eras primitivas ser o preço do sangue o próprio sangue. Quem o derrama de outrem, terá o seu derramado. A cobrança é um dever a que não pode fugir o herdeiro do nome. O resgate é a lei¹⁷.

De acordo com Cabral, veio a guerra. Para os sertanejos, mesmo após a morte de José Maria o que importava eram as palavras de São João Maria, foi um herói, porque santo já o era. “Quando a reação se tornou violenta, em face da perseguição e do abandono, então se acusou a religiosidade do homem do sertão, o seu fanatismo para justificar uma repressão mais enérgica”¹⁸. Após a morte de José

¹⁶ Idem p. 183

¹⁷ Idem p. 185

¹⁸ Idem P. 198

Maria no Irani, o restante dos sertanejos voltaram para o território catarinense, retirando-se para o município de Campos Novos.

O autor analisa que um ano após o episódio em Irani os adeptos do monge esperavam na região de Taquaruçu, que este ressuscitasse e traria consigo um forte exército, que seria uma guerra santa, a Guerra de São Sebastião, que havia sido profetizada pelo monge João Maria.

Cabral interpreta que Teodora, neta de Eusébio Ferreira dos Santos afirmou ter visto José Maria e os crentes ao monge começaram a se reunir em Taquaruçu. A família de Eusébio foi santificada, ele à santo, os filhos à chefes e a neta à vidente. Os sertanejos acatavam suas ordens de Teodora, por mais absurdas que fossem, pois eram feitas em nome de José Maria. Aproveitando-se da inocência do sertanejo preparava-os para a luta. O governo republicano não apoiava o sertanejo inculto que queria valer seus direitos a terra. Desse modo, o reduto de Taquaruçu foi explorado por aventureiros que incitavam a luta não só crentes a José Maria, mas também bandoleiros sem fé se aproveitando da crença para obter lucros.

Segundo Cabral, os espreitadores dos sertanejos conheciam os planos e ações das tropas, preparados para reagir ao ataque não deixaram as forças se aproximarem. O fracasso das tropas do governo deixou os sertanejos confiantes. Houve um segundo ataque em que as tropas militares conseguiram vencer os jagunços. O sangue rolou outra vez, os jagunços que restaram puderam evacuar para se reagruparem novamente em Caragoatá.

De acordo com o autor, Caragoatá brotava do reduto anterior. Para o chefe dos sertanejos nada acontecia sem que soubesse. Em 09 de março de 1914, transcorrido apenas um mês do ataque a Taquaruçu, Caragoatá sofre uma nova ofensiva das mesmas forças federais e estaduais. Porém, os jagunços já estavam à espera e o dar-se-ia início ao tiroteio. A expedição fora dominada.

As forças militares pediram auxílio para o governo, depois de muitos confrontos com os jagunços tiveram que dissolver a expedição militar por falta de recursos. O bando de bandoleiros com a fachada de fanáticos colocavam em perigo a vida da população. Os sertanejos queriam ser considerados como combatentes e não como bandoleiros e cita alguns nomes de fanáticos como Eusébio Alves Rocha, Elias, mas também tinha os que não se preocupavam em esclarecer suas atividades infratoras, com saques e roubos, com a petulância de marcar ataques de lutas antecipadamente, por saber que a contingência militar estava com um numero

reduzido. Em um desses enfrentamentos o capitão Costa Matos morre e muitos outros soldados.

Para o autor, os sertanejos continuavam com as investidas, formando novos redutos. No reduto de Santa Maria, os sertanejos deviam obediência ao comando de dois chefes, Alonso e Adeodato. Após muitos confrontos, as tropas governamentais, governadas pelo general Setembrino de Carvalho, aos poucos vão tomando o controle da situação, utilizando a força e o comando da expedição. Grande numero de jagunços se renderam às autoridades, como Alemãozinho, Bonifácio Papudo e Carneirinho e outros afugentaram-se na mata. “Adeodato, o feroz e destemido chefe foi aprisionado. Conduzido para Florianópolis, tempos depois foi morto, quando, ao que se divulgou, tentavam uma evasão”¹⁹.

Conforme Cabral, o local estava apaziguado, o acordo dos territórios realizados, a marginalidade foi detida e o fanatismo a São João Maria dando continuidade.

A cultura sertaneja no Contestado não poderia ter atuado de outra forma. As curas, a crença, as lutas, tudo isso demonstrava a personalidade de um povo, e a estrutura de uma sociedade em que declarava a santidade de São João Maria.

Os primeiros crentes, os que pertenceram aquela igreja padecente, que suportou as perseguições contínuas dos poderosos, que enfrentou da humanidade e obscuridade das catacumbas o culto oficial das divindades pagãs no vigor e no esplendor dos seus ritos, que se fortaleceu no combate diuturno às heresias, os cristãos dos primeiros séculos não poderiam deixar de celebrar os feitos e a memória dos que “sustentaram as suas convicções ao preço do próprio sangue”, isto é, de render homenagem aos mártires da sua fé.

¹⁹Idem p. 254

3.2 RELIGIOSIDADE NA PERSPECTIVA DE VINHAS DE QUEIROZ

Mauricio Vinhas de Queiroz - *Messianismo e Conflito Social* - descreveu em sua obra a trajetória da vida dos monges, evidenciando os costumes religiosos e místicos dos sertanejos, bem como os aspectos sociais, econômicos e políticos da região contestada, a partir das lutas dos sertanejos que tinham necessidade de garantir o “direito de terras”.

As fontes de pesquisa do autor utilizada foram os testemunhos de antigos fanáticos e outras pessoas que participaram ou evidenciaram dos acontecimentos. Análise de jornais da época, processos judiciais e inquéritos policiais, alguns livros escritos por jovens oficiais das forças repressivas do exercito. Também utilizou manuscrito de Alfredo de Oliveira Lemos, intitulado “A história dos fanáticos em Santa Catarina e parte de minha vida naqueles tempos (1913 – 1916)”, e a notas sobre o folclore de Serra-Acima de José Euclides Felipe. Foi de grande valia as entrevistas e aos documentos fornecidos por Maria Isaura Pereira de Queiroz.

Sua obra é dividida em quinze capítulos, das quais iremos nos restringir em apenas os capítulos do estudo de relevância à religiosidade.

Nesses capítulos o autor procura retratar a passagem de três monges profetas, sendo dois com o mesmo nome, João Maria e o terceiro, José Maria, evidenciando as características principais dos personagens, como estes influenciaram a religiosidade, messianismo e os conflitos sociais da região. E como a ortodoxia católica do Frei Rogério atuava no Contestado.

Posteriormente, o autor relata a trajetória do monge José Maria, que uniu pessoas em torno de um ideal, levou a organização do grupo e distribuiu funções a cada um, onde havia igualdade social, e autonomia própria, o messianismo adquiriu corpo, deflagrando no conflito.

Consecutivamente, a morte de José Maria em combate do Irani e a crença na ressurreição de que mesmo após a morte, não morreria, passaria para o exercito encantado de São Sebastião, destacando as visões sobre as mensagens do monge para os combates e as cidades santas até a rendição dos fanáticos e o declínio de Adeodato.

O autor refere-se que o movimento do Contestado ajusta-se nos tipos de movimentos religiosos que tem sido chamados “messiânicos”.

[...] É todo aquele em que um numero maior ou menor de pessoas, em estado de grande exaltação emotiva, provocada pelas tensões sociais, se reúnem no culto a um individuo considerado portador de poderes sobrenaturais, e se mantêm reunidas na esperança mística de que serão salvas de uma catástrofe universal e (ou) ingressarão ainda em vida num mundo paradisíaco: a terra sem males, o reino dos céus, a cidade ideal...²⁰

O autor descreve a passagem de três monges profetas que percorreram o sertão do Contestado com a finalidade de compreender a religiosidade e a cultura popular dos sertanejos ao longo dos acontecimentos. Esses monges percorriam esse território e os sertanejos acreditavam serem homens do sagrado.

Vinhas de Queiroz relata a vida do monge João Maria. “De origem italiana, natural de Piemonte, onde nascera em 1801, apareceu em Sorocaba em fins de 1844. Uns três anos depois, andou pelo Rio Grande do Sul”.²¹ Tornou-se um mito para os caboclos, identificando-se como um conselheiro e grande mago, curador e profeta. Frente à pobreza, à insegurança e à violência dominante, ele traz a proteção das forças sagradas. Foi como “profeta” que contribuiu para a eclosão do movimento messiânico. Sua força inexplicável alastrava-se em um simples toque e usava a vassourinha do campo como chá medicinal.

Quando mudava de pouso, atirava-se os crentes à cinza de sua fogueira: costurada num breve, dependurado ao peito, servia para evitar as coisas ruins. Atribuíam-se também propriedades miraculosas à água da nascente ou do riacho onde o monge bebera. Enchiam-se garrafas e as transportavam a longas distancias. Muitas vezes se erguiam num pouso uma cruz de cedro não falquejado, que depois tornava a brotar e virava arvore: proclamava-se que era um novo milagre. Em geral, o lugar ficava sagrado.²²

Segundo Vinhas, João Maria, nunca aceitava hospedagem em nenhuma casa, se instalava debaixo de árvores, perto de nascente ou de riachos. Pregava, curava e organizava procissões. Nada exigia em troca de seus favores, até mesmo, quando ganhava algum presente, compartilhava entre seus afilhados, que ele mesmo havia batizado.

De acordo com Vinhas de Queiroz não há relatos de que o primeiro monge, João Maria, tenha sido profeta e que tenha anunciado profecias. Mas, o povo sertanejo enaltecia-o, proferindo que depois de Deus, somente o monge. Até

²⁰QUEIROZ, Mauricio Vinhas de, **Messianismo e conflito social: (A guerra sertaneja do Contestado, 1912 – 1916)**. 3. ed. São Paulo: ed. Ática, 1981. P. 251

²¹Idem. p. 51

²²Idem p. 50

hoje os crentes a São João Maria ascendem velas e cumprem promessas ligados à pedra onde ele dormia.

No tempo de João Maria, retrata o autor, que o catolicismo rústico praticado pela gente de serra-acima, repletos de praticas mágicas, contrapondo-se a doutrina oficial da igreja católica, por haver poucos sacerdotes na região, só batizavam nas épocas de missões levadas pelos jesuítas, onde eram doutrinadas, batizadas, casadas, enfim recebiam os sacramentos da igreja oficial. Foram enviados alguns frades para a paróquia de Lages, SC, sendo o mais admirado, Rogério Neuhauss.

Talvez por sua origem campônea e sua experiência de vida, Rogério Neuhauss, conseguiu adaptar-se aos padrões locais muito mais rapidamente e melhor que seus confrades alemães. Mandou vir uma farmacinha portátil, de homeopatia e começou a receitar. Utilizava-se dos contatos assim conseguidos e do prestígio ali advindo para conduzir os sertanejos à ortodoxia católica, particularmente para fazer com que aceitassem a confissão e a comunhão como algo de costumeiro.²³

Nas suas andanças pelo sertão catarinense, Rogério Neuhauss, pregando a doutrina católica, não conseguiu vencer a popularidade do monge João Maria, porque os sertanejos olhavam com certa desconfiança para a pregação do frei que cobrava para realizar casamentos, batizados, pela crença local deveriam ser desprendidos de valores materiais. Sendo assim, João Maria, conseguiu dificultar a ortodoxia católica, afastando o povo dos representantes da igreja, sendo o motivador dos problemas, gerando uma crescente superstição e fanatismo.

Para o autor, o segundo monge João Maria de Jesus, seria AtanásMarcaf. Surgiu após a revolta Rio-Grandense, percorria os sertões e as serras do sul do Brasil, trazendo consigo uma bandeira branca com a figura de uma pomba vermelha ao centro, isto é, uma bandeira do divino do espírito santo. Profetizava calamidades, tais como o fim do mundo, conduzido de “muitos castigos de Deus” como a miséria, peste no gado, especificando-se à passagem da guerra, coisas piores estariam por vir. “Vem uma época – insistia - em que o sangue vai correr sobre a terra como rio”.²⁴

²³Idem p. 58

²⁴Idem p. 61

Muitos sertanejos acreditavam que rezando, trazendo patuás junto ao corpo, ficariam redimidos e imunes a tais calamidades, mas João Maria não era crente que estes pudessem escapar deste fim.

João Maria foi repreendido por frei Rogério por fazer críticas a santa escritura, pregar penitencias, profetizar calamidades, batizar crianças, que era o ofício dos padres da região.

Conforme Vinhas, João Maria anunciava que a republica era coisa do demônio, enquanto a monarquia era ordem de Deus. Segundo o monge, a monarquia era o oposto do regime dos coronéis. Não gostava de aglomeração ao seu redor e sempre que surgia muita gente, saia sem despedir-se. Desapareceu envolta a mistérios e os sertanejos acreditavam na imortalidade do monge, imaginavam estar encantado em um lugar misterioso.

O autor faz menção ao terceiro monge, José Maria, que desde o desaparecimento do segundo João Maria, os sertanejos esperavam outro “messias”. José Maria, também chamado de Miguel Lucena de Boaventura, não se sabe ao certo, mas há relatos que pertencera às fileiras do regimento de segurança do Paraná, antes de desertar.

Descrito por Vinhas de Queiroz, José Maria graças ao trabalho de curandeiro passou a ser muito procurado e venerado pelos sertanejos, por ter curado a mulher do fazendeiro Francisco de Almeida, após ter sido desenganada pelos médicos, e pelo fato de ele não aceitar gratificação em terras e ouro, oferecidos pelo fazendeiro. Em agradecimento, o senhor Almeida, se sentiu na obrigação de alimentar todo o povo que estava se juntando em torno de José Maria. Esses sertanejos que vinham em busca de proteção e cura para seus males. Ao contrario dos outros monges, ele sabia ler, escrever e tinha conhecimento de ervas medicinais.

Ele dizia ser irmão do beato João Maria, líder messiânico que havia percorrido essa região do planalto em anos anteriores, e se não por coincidência o fato de ter escolhido um nome de guerra tão parecido.

[...] Ia-lhe bem, pois, o papel de irmão. Isto deixava que ele se beneficiasse do prestígio mágico atribuído ao outro, mas permitia também que agisse de uma forma que não seria aceita se quisesse identificar-se plena e completamente. Sendo apenas em parte igual a seu modelo, ficava livre para conservar-se menor do que ele; ou, em certo sentido, tornar-se maior.

De qualquer modo, isso lhe possibilitava levar ao povo do sertão, através de seu trabalho e de suas palavras, uma mensagem diferente.²⁵

Muitos atribuíam as receitas escritas e as rezas como uma força sobrenatural, penduravam patuás que serviam para fechar o corpo e proteger-se.

Segundo o autor, José Maria, levava consigo uma velha edição da história de Carlos Magno e os doze pares de França, da qual era lida para seus seguidores. Eram aventuras de heróis invencíveis, homens sozinhos conseguiram derrotar exércitos inteiros, pensar que essa literatura evidenciaria os acontecimentos futuros do Contestado.

A comissão de festeiros de Taquaruçu convidou José Maria e seus seguidores para participarem da festa em honra a São Bom – Jesus, ele prontamente aceitou. Após o término das festanças, José Maria decide permanecer em Taquaruçu, ali ele dirigia terços e contava as histórias de Carlos Magno e continuava receitando. “Promoveu uma guarda de honra, composta de 24 homens e mais o comandante, com a denominação de 12 pares de França, todos montados em cavalos brancos”.²⁶

Conforme Vinhas, em Taquaruçu, José Maria é acuado pelo Coronel Albuquerque por não atender um familiar doente, este fato ganha repercussão onde o monge e os sertanejos são acusados de restaurar a monarquia, temerosos partem para o Campos do Irani, município de Palmas, onde José Maria considerava sua gente. Nesse cruzamento de território os seus seguidores entre eles os pares de França, também o acompanharam. O governador do Paraná, sabendo da chegada de José Maria em seu território envia as tropas do regimento de segurança do Paraná sob comando do cel. João Gualberto de Gomes de Sá Filho e sua tropa atacaram o “quadro santo”, erguido no município de Irani, onde os seguidores do monge tinham se refugiado.

No decorrer da noite, quando estavam passando por um córrego a metralhadora e as munições do coronel Gualberto caíram n’água. Apesar do incidente, prosseguiram, e os fanáticos contra-atacaram.

Uns a cavalo, outros a pé, eles evitaram o máximo o tiroteio e atravessando uma funda camada onde desapareceriam da vista das forças legais, caíram de supetão, a garrucha e o facão de pau sobre os soldados. O auge do

²⁵ Idem p. 81

²⁶ Idem p. 85

combate se produziu em torno da metralhadora engasgada. No meio da luta, José Maria cai prostrado por uma bala. Quando já se dispersava correndo a força do Paraná, João Gualberto – que não pudera montar porque outro lhe fugira com o cavalo – foi cercado e morto por uma pequena multidão de caboclos enfurecidos.²⁷

Descrito por Vinhas, a crença no ressurgimento de José Maria, eclodiu após sua morte no próprio local do combate. O líder é colocado numa cova rasa coberto por algumas taboas para facilitar na sua ressurreição. Com isso mostrava que os sertanejos estavam fanatizados pelo monge. Acreditavam que ele era um santo, um prodígio e que iria ressuscitar a qualquer momento e reapareceria em uma cidade santa. A morte de José Maria, não significou derrota para seus seguidores, mas sim sacrifício e bravura. E, que este ao ressuscitar passaria para o Exército Encantado de São Sebastião, segundo as crenças dos sertanejos.

Imaginava-se que no momento da parusia de José Maria, quando este aparecesse redivivo, em toda sua glória, então o Exército Encantado “apareceria”, isto é, ganharia aspecto concreto, e seria invencível. Nesse instante principiaria a guerra santa que, segundo diziam, tinham sido anunciada pelo próprio João Maria, vinte anos antes. Esta é que seria a guerra de São Sebastião.²⁸

Os sertanejos do Contestado sempre tiveram grande devoção por São Sebastião, santo guerreiro, protetor dos homens contra a fome e a peste, padroeiro do sertão e também de perdizes grandes onde se encontravam a maioria dos seguidores do monge.

De acordo com Vinhas, com a morte de José Maria um novo ciclo de mediadores se inicia. E a partir de então, surgem as virgens como porta vozes com o poder divino dotadas de poder de curas e milagres. Se comunicava com o monge, passando as mensagens e palavras de ordem aos demais, influenciavam muitas das ações e decisões nos redutos. Nesse ambiente impregnado de crenças, Teodora, neta de Euzébio começou a relatar que tinha visões com o monge e começaram os milagres. Ela recebia ordens de José Maria no sentido de preparar os sertanejos para a guerra santa. A autenticidade de suas visões logo se dissiparam e muitos achavam que ela estava trapaceando.

²⁷Idem p. 100

²⁸Idem p. 110

A própria Teodora, quando entrevistada pelo autor – anos depois – confirmou-lhe que “não via nada” e que não passavam de invenções de seu avô e de outras lideranças.

Conforme Vinhas, Manoel, filho de Euzébio, novo vidente mediador entre José Maria e os fieis, passou a ser considerado um enviado de Deus, com a mensagem de convocar gente para a guerra de São Sebastião, e que partissem todos para Taquaruçu, onde ergueriam uma cidade santa e o monge reapareceria. Foi nessa situação em que os sertanejos passavam a adotar praticas de organização, formando confrarias. Já em Taquaruçu, o enviado de Deus, começa a exigir que todos beijassem suas mãos e pés. Ordenava a realizar-se procissões com uma ordem frequente e faziam-se as “formas” – reunião de todos os sertanejos que moravam na cidade santa, formando o quadro onde se rezava pelo monge.

Manoel abre o desfile, acompanhado pelas virgens, depois as casadas sem filhos, em seguida as casadas com filhos – entre as quais marcha o velho Euzébio - , e, encerrando o cortejo, os homens e os meninos, levando aqueles às suas armas.²⁹

Mesmo não havendo procissões essas formas eram feitas rigorosamente. Nelas é que Manoel comunicava as ordens do monge e aplicava o corretivo necessário. Quem não o obedecesse, ou não avistasse José Maria entre as nuvens, era castigado com chicotadas. Mais sertanejos chegavam a cidade santa de Taquaruçu, preocupando a elite local. Então enviaram o padre Rogério Neuhaus para aconselhar esses sertanejos a irem embora, porem não teve sucesso.

Manoel estava no ápice de suas funções quando disse ter recebido uma mensagem de José Maria para dormir com duas virgens. De imediato, o destronaram. Substituindo-o por Joaquim, “Menino Deus”, neto de Euzébio, sob seu comando deram uma surra de vara de marmelo em Manoel para retirar-lhe a santidade.

O autor refere-se ao primeiro ataque planejado a Taquaruçu pelo secretario geral do estado de Santa Catarina que atacariam o reduto em três direções, mas a investida dos atacantes não teve êxito.

Joaquim, o Menino-Deus, dirigiu as forças dos defensores de Taquaruçu, na qualidade de comandante. Durante o tiroteio, Euzébio carregava uma

²⁹ Idem p. 116-117

grande bandeira e seguia no rumo da força gritando vivas a José Maria e à monarquia. Foi ferido na perna por uma bala de metralhadora. Um fanático laçou a metralhadora e arrastou-a à chinha do cavalo. Apoderaram-se os fanáticos de varias carabinas mauser, seis cargueiros de mantimentos, roupas, barracas, etc. Os soldados de tudo se desembaraçavam para correr mais depressa. De nada se aproveitaram em Taquaruçu; certamente consideravam impuro aquilo que havia pertencido a seus atacantes. Queimaram tudo quanto puderam, deixando de parte apenas as túnicas, os bonés e os distintivos militares, os quais dependuraram a modo de troféus nos caminhos que demandavam o reduto; eram sinais de sua vitória.³⁰

Essa vitória aparentemente fácil sobre as forças do governo crescia ainda mais a crença no Exército Encantado.

Segundo o autor, Joaquim continuava se comunicando com José Maria que ordenava que todos partissem para o reduto de Caraguatá, pois Taquaruçu seria novamente atacada. Porém, muitos dos fanáticos não estavam dispostos a irem embora. Dia 08 de fevereiro de 1914 soldados armados atacaram o reduto de Taquaruçu e o restante dos fanáticos que ainda residiam no reduto, se defenderam como puderam, pois não acreditaram na profecia do Menino-Deus de que o reduto seria atacado. “Davam vivas e empunhavam bandeiras brancas que, segundo eles, possuíam o mágico poder de destruir 50 soldados cada vez que descrevessem três cruces no ar”³¹. Os crentes perceberam que agitando as bandeiras seus inimigos não morreriam e a catástrofe em Taquaruçu dar-se-ia inicio a guerra dos fanáticos.

Vinhas empenha-se em mostrar que em Caraguatá, Joaquim e seu avô nada mandavam, a liderança dos moradores cabia a uma vidente, Maria Rosa, filha de Elias de Souza, ela ouvia José Maria e determinava as ordens recebidas para os demais. Com o inicio da vida em Caraguatá, outras pessoas também foram assumindo posições de destaque como o caso de VenutoBahiano, considerado como bandido, pois era fugitivo da justiça, começaram o processo de ajuntamento e formação das forças sertanejas.

Anteriormente, nos redutos colocavam-se primeiro os valores religiosos, políticos e sociais para, mais tarde vir o militar, com a chegada de jagunços os acontecimentos mudaram.

Vinhas chama a atenção para o fato de que, os sertanejos consideravam Maria Rosa uma santa e que ela “tudo sabia”. As ordens dadas por Maria Rosa eram acatadas e respeitadas. Nas formas eles davam os vivas São José, São Sebastião e

³⁰ Idem p. 122

³¹ Idem p. 131

a monarquia. “Cantavam o terço do rosário, a Bendita de Deus, a Glória da Virgem, o São Senhor morto e à Virgem Santíssima sempre imaculada”.³² Aqueles que fossem contra a crença do monge seria considerado profano.

Os presságios da “virgem” alertavam que as forças do governo se aproximavam, era necessário a mudança do reduto para Bom Sossego. Em Bom Sossego Maria Rosa perde um pouco de seus domínios, pois o movimento encaminhou para o banditismo. Uns alegavam que Maria Rosa perdeu a força devido ao orgulho, sendo condenado entre os irmãos. Para outros, ela havia deixado de receber as mensagens de José Maria. De comandante e mediadora exercia agora funções secundárias nos redutos, principalmente após o combate de Caraguatá, passou a ser vigiada. Setembrino de Carvalho deu início a sua estratégia repressiva do governo já que as lideranças fanáticas passaram para as mãos de alguns líderes, como Francisco Alonso de Souza, que foi morto em combate do Rio das Antas, seu posto foi ocupado por Adeodato Manoel Ramos, comandante geral, mais temido e audacioso dos líderes, foi preso e enviado de navio à capital Florianópolis SC, foi remetido a Curitiba onde foi julgado e condenado a pena máxima. Em uma tentativa de fuga foi morto pelo capitão Antônio Trogílio de Mello.

Com a destruição dos redutos e a rendição dos sertanejos em massa, o restante dos “fanáticos” se dispersaram para outras cidades.

A crença desses sertanejos no monge foi um impulso dos “fanáticos” para enfrentar tudo e todos com bravura durante esse conflito.

Julgamos que a Santa religião de José Maria chegou a esse limite em que surge um novo Deus e uma nova revelação. Na prática, os sertanejos em armas deixaram de ser cristãos. Abandonaram o Deus dos grandes fazendeiros e passaram tomar por verdadeiro Deus um homem que em vida tinha sido, tal como a maioria deles, caboclo pobre.³³

Para este povo foi a ruptura do real em busca do imaginário de justiça e direitos de igualdade.

³² Idem p. 192

³³ Idem p. 261

3.3 RELIGIOSIDADE NA PERSPECTIVA DE MARLI AURAS

A abordagem que o livro faz da Guerra do Contestado visa contextualizar os principais fatos e personagens nele envolvidos, de forma a permitir uma compreensão mais ampla. Auras apresenta uma abordagem marxista, diferenciando do tradicional.

As fontes utilizadas pela autora seguem da bibliografia documental até a bibliografia analítica, leitura de jornais da época, relatórios de integrantes do efetivo militar (d'Assumpção, Peixoto, Soares e Setembrino), escrito de médicos de forças repressoras (Antunes e Cerqueira) e outros escritos significativos para sua compreensão como Luz, Thomé, Almeida, R. Silva, entre outros. E as obras clássicas, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Mauricio Vinhas de Queiroz e Douglas Teixeira Monteiro.

Sua descrição é simples e direta, para o melhor entendimento do leitor.

No primeiro capítulo a autora procura demonstrar a desestruturação da ordem vigente das forças capitalistas das empresas Farquhar, com a chegada da ferrovia Brazil Railway Company e posteriormente a madeireira Southern Brazil Lumber & Colonization, responsáveis pelos sertanejos ficarem sem destino, sem terras e sem recursos, encontrando forças na religiosidade.

No segundo capítulo, o conflito “peludos” versus “pelados”, construindo a irmandade, a eclosão do conflito entre soldados e caboclos, a invasão das cidades santas até seu extermínio. E no terceiro capítulo aborda a organização do caboclo como especificidade pedagógica.

Marli Auras, procura demonstrar a estruturação de uma nova ordem, onde os caboclos denominados “os pelados” com adesão renunciavam à ordem capitalista e entravam em divergência com os “peludos”, formando assim, a irmandade cabocla. A religiosidade foi a única alternativa que os caboclos encontraram para seus protestos e para atender as suas necessidades.

[...]Na medida em que os “coronéis” se associam às novas forças históricas, desnudando a estrutura de dominação, os marginalizados se apegam mais

ao discurso do monge, desenvolvendo-o encontrando nesse discurso sua identidade histórica.³⁴

Tendo em vista a análise do contexto na perspectiva de Auras, retrata a ruptura do catolicismo erudito (do Frei) com o catolicismo popular (monges). E os sertanejos sentindo-se abandonados por todos, inclusive pela igreja oficial, pelo fato de Santa Catarina apresentar um número reduzido de sacerdotes, tornou-se impotente naquele contexto histórico opressor.

No início da república, de acordo com a autora, surgiram diversos movimentos de caráter messiânico, defensores da monarquia, liderados por monges, considerados especialistas do sagrado: benzedores, curandeiros. Mas nenhum tão venerado como João Maria. Era o catolicismo popular do mundo rústico do Contestado.

João Maria era o companheiro impar do povo da serra. Considerado um grande curandeiro, sua força milagrosa transmitia-se a tudo o que fosse por ele tocado. [...] preenchia também as funções de sacerdote: dirigia rezas coletivas e cânticos religiosos, batizava, casava, dava “bons conselhos”, benzia as roças e o gado.³⁵

O catolicismo rústico afastava-se cada vez mais da ortodoxia da igreja oficial. Com a crença nos monges, os pais passam a valorizar o batismo e o apadrinhamento realizados pelo mesmo. O poder do monge sobressaía ao poder dos coronéis e padres na hora da consagração.

Segundo Marli Auras, frei Rogério Neuhaus nasceu na Alemanha, entrou para ordem dos franciscanos e foi ordenado em 1890. Chegou ao Brasil já no período republicano, foi enviado para Lages para reascender a fé cristã naquele território tão longínquo. O sacerdote visitava seus fiéis à cavalo e sempre trazia consigo os instrumentos indispensáveis para a celebração da missa. Mas a indiferença religiosa dos moradores o afligia.

Sob tais condições é que o frei Rogério passa a exercer o seu “apostolado” no planalto catarinense. Inconformado com o “abandono das crianças que cresciam sem serem instruídas na religião”, começa a reuni-las (para o que nem sempre contava com a compreensão dos pais) e prepará-las, com explicações do catecismo, para a primeira comunhão.³⁶

³⁴ AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: A organização da Irmandade cabocla. Florianópolis: Ed. UFSC, 1984. P.46

³⁵ Idem p. 49

³⁶ Idem p. 54-55

De acordo com Auras, João Maria em uma visita a paróquia de Lages, frei Rogério toma iniciativa de encontrá-lo, em sua conversa critica suas profecias e proíbe de batizar as crianças do lugarejo. O monge contesta afirmando que sua reza valia tanto quanto uma missa. “Nas suas pregações o monge declarava também enfaticamente que a monarquia era a “lei de Deus” e a república era “lei do diabo”.³⁷

Para os caboclos a monarquia representava um tipo de sociedade em que todos os caboclos seriam tratados igualmente, diferente da república que representava os coronéis e a ordem capitalista das empresas estrangeiras.

Para Auras, esse emissário da igreja erudita, em seus sermões, relatava desgraças que aconteciam com as pessoas que não seguiam os preceitos da igreja católica. Essas práticas eram carregadas de ambiguidades contra o catolicismo rústico, ocasionado pela ignorância dos sertanejos, alternando entre a compreensão e a censura. O frei exercia uma ação de intermédio entre o mundo inculto do catolicismo rústico ao mundo culto do catolicismo erudito.

Relata a autora que João Maria desapareceu por volta 1906, o contexto da lembrança dos devotos permaneceu presente mesmo com o surgimento de um monge sucessor, José Maria. Que se dizia irmão do monge antecedente.

O monge, José Maria começa ser alvo de devoção, sendo muito procurado pelos sertanejos por suas aptidões em receitar ervas medicinais. Também sabia ler e escrever. O curandeiro gostava de amontoados de gente ao seu redor e tinha como ídolo o imperador Carlos Magno e seus doze valentes cavaleiros onde formou o primeiro “quadro santo” e nas horas de folga fazia a leitura aos que o seguia. Sendo então, o novo líder espiritual dos desamparados do Contestado.

Para os sertanejos, não importava a identidade de José Maria, não tinha sentido perguntar por isso – importava, sim, que José Maria estava lá com eles, era como eles e, sobretudo, demonstrava na sua prática diária ter o poder do sagrado.³⁸

Analisando Auras, José Maria curou um familiar doente do fazendeiro Francisco Almeida e esse em agradecimento lhe deu moradia na sua fazenda e abrigou e alimentou seus seguidores. O coronel Albuquerque, que mantinha o poder na região, com despeito chamou José Maria, que não atendeu ao seu pedido e a

³⁷Idem p. 51

³⁸Idem p. 59

noticia teve grande repercussão. Até o presidente Marechal Hermes da Fonseca foi informado sobre o levante, um destacamento da polícia militar catarinense foi conduzido para Curitiba, desta forma o monge e seus seguidores partem para o município de Irani, onde se refugiaram.

Segundo a autora, para defender o território do estado de Paraná, o então governador mandou o regimento de segurança de Paraná expulsar os rebeldes do local, depois que José Maria se recusara a depor na delegacia de Palmas (PR), sob o comando de João Gualberto, este e sua tropa partem para o local onde se encontra o monge e seus fieis.

Na manhã de 22 de outubro de 1912 ocorre a batalha entre as forças policiais e os sertanejos.

[...] José Maria, o monge que assumiu, a contragosto, o comando dos sertanejos em direção a esta luta armada, estava morto. Estava morto também João Gualberto, comandante da força policial, sem ter logrado atingir seu intento: desfilar pelas ruas de Curitiba com a prova de seu destemor e de sua maior vitória – o monge e seus “fanáticos”, todos amarrados.³⁹

Com o fato da morte de José Maria, segundo Auras, a “cidade santa” foi dissolvida e os seguidores do monge, fugiram da localidade de Irani e começaram a propagar a crença na sua ressurreição. Os sertanejos acreditavam na utopia de que o monge e os demais sertanejos não teriam morrido, mas sim, passaram para o exercito encantado de São Sebastião, onde continuavam ajudando na batalha.

Não demorou para aparecerem indivíduos que diziam ter conexão com José Maria, recebendo mensagens divulgando-as para a irmandade do grupo, para a organização da guerra.

De acordo com Marli Auras, ergue-se então, uma nova “cidade santa” em Taquaruçu, sendo Manoel, filho de Euzébio, chefe da confraria, mediador do monge durante a “forma” – momento em que emitia mensagens ao povo, organizando a articulação do grupo. Foi, através da forma, que a coletividade despojou Manoel do comando.

Um novo componente manifesta-se na visão de mundo dos sertanejos, o menino Joaquim, que ao contrario de Manoel, ao receber as mensagens do monge, não transmitia diretamente para os sertanejos e sim para os dozes pares de França.

³⁹Idem p. 69

Auras destaca que o menino Joaquim, recebeu uma mensagem do monge informando da importância de um segundo reduto, pois aquele seria invadido. Posteriormente, ocorreu o combate, os sobreviventes fugiram para Caraguatá, onde já existia uma estrutura em organização, comandada por Maria Rosa.

Assim como em Taquaruçu, descreve a autora, as ordens recebidas eram discutidas em um conselho e transmitidas para a irmandade no intuito de organizar e dirigir o coletivo.

Os “pares de França” foram integrados de defesa do reduto, formados pelos 24 caboclos mais capazes. A autora refere-se a Elias de Moraes como comandante de “forma”, organizava e transmitia as tarefas para o grupo e VenutoBahiano era o comandante de “briga”, tinha a função de preparar os caboclos para a defesa da “cidade santa”. Repetidamente, os soldados da república tentam dismantelar a organização de Caraguatá, mas foram afugentados pelos caboclos.

Do ponto de vista de Auras, se fez necessário substituir Maria Rosa por alguém que fizesse frente à batalha. O lugar foi concedido para Chiquinho Alonso, deslocando a irmandade para o vale Santa Maria, realizando assim, as mais árduas ofensivas executadas durante o Contestado. Alonso morre e a função é entregue a Adeodato que controla a irmandade com rédeas curtas, proibindo as lamentações com a tentativa de manter o agrupamento dos sertanejos.

Como observa Auras, a ordem vigente e as forças repressoras do general Setembrino finalmente fragmentaram a defesa da organização acarretando na ruptura da irmandade cabocla.

3.4 COMPARANDO AS OBRAS DE AURAS, VINHAS DE QUEIROZ E CABRAL

Cabe ressaltar que objetivo desse trabalho é de análise historiográfica, ou seja, estudos a partir de obras existentes sobre a religiosidade no Contestado.

A análise dessas obras como fontes devem ter o cuidado no fato de que os autores estão inseridos em diferentes contextos e períodos, que resultam na comparação a ser executada. Tendo isto em vista, a problemática procura discutir em que medida existem aproximações ou divergências entre as obras dos autores selecionados para a análise no que se refere às representações sobre a religiosidade no movimento do contestado.

Marli Auras defende as ideias Gramsciana (Antônio Gramsci), que parte de um pressuposto da análise do cotidiano dos caboclos e sua organização de luta contra a ordem capitalista, das relações sociais-econômicas, relatando a história através de uma constante progressão de fatos, retrata a história dos vencidos, com base nos documentos escritos pelos vencedores, o poder do coronelismo e a presença do Grupo Farquhar. De acordo com a autora, a religião e a formação da irmandade cabocla, caracterizam os aspectos de resistência dos sertanejos à nova realidade, repelindo a ordem capitalista e retratando os caboclos como sujeitos segregados a um sistema social opressor. Apresenta tendência marxista e afigura-se com os estudos de Mauricio Vinhas de Queiroz, do qual fundamentou-se.

Mauricio Vinhas de Queiroz tem como objeto uma visão dos movimentos messiânicos que levou os sertanejos a lutarem pela terra e contra a exploração de dominantes a que estavam subordinados. Aborda a percepção da religiosidade, do catolicismo popular e na crença nos monges. Vinhas segue uma linha de tendência marxista e também ideológica, indica como motivo do conflito a organização social e econômica da região. Parte de uma conjectura em que o Contestado foi uma revolta “alienada” e um movimento messiânico do tipo “clássico”. O autor privilegia o valor cultural retratando o modo de vida dos sertanejos, principalmente os fatores religiosos, a força da união de um povo e a necessidade na crença ao monge. Vinhas e Auras consideram o Contestado como uma consequência de uma crise estrutural, para logo o autor centrar nos argumentos relacionados nos movimentos messiânicos.

Cabral apresenta uma abordagem tradicional, isto é, expõe os fatos como “realmente aconteceram”, analisando documentos oficiais e tendo um olhar de cima

sobre os fatos. Para Cabral as questões sociais e políticas foram responsáveis pela deflagração da luta armada. Dessa forma o autor entende o fator religioso como decorrência das condições sociais e não como motivador de tragédias e desordens. “Para sermos exatos, diremos mesmo que antes do desastre do Irani ninguém falara em movimento religioso, ninguém atribuía um fanatismo desta natureza aos sertanejos”.⁴⁰ O autor contesta os argumentos de ser o fanatismo religioso a finalidade do conflito. Diverge do ponto de vista de Auras e Vinhas, relatando que os monges não foram responsáveis pela composição dos sertanejos sequer pela eclosão do movimento.

⁴⁰ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A Campanha do Contestado**. P. 11

4. CONCLUSÃO

A guerra do contestado perdurou de 1912 até 1916, ocorreu nas fronteiras de Paraná e Santa Catarina. Impulsionados pelo fator socioeconômico da região, o fanatismo religioso, a crença aos monges, findou em uma impensável guerra nos sertões catarinense, provocando a morte entre civis e militares.

A guerra do contestado demonstrava a forma com que o governo tratava as questões sociais. Os sertanejos abandonados, desalojados e vendo suas terras serem entregues à estrangeiros, desencadeou a desestruturação dos que ali habitavam, assim, sentindo-se injustiçados, fortaleceu o desejo de luta e com o apoio do monge, quiseram combater a repressão.

Na análise das obras de Marli Auras, Mauricio Vinhas de Queiroz e Oswaldo Rodrigues Cabral, conclui-se que cada autor tem sua percepção dos fatos e os argumentos utilizados. Procuram analisar a presença dos monges em suas similaridades, apesar das convergências, todos entram em acordo de que houve, no Contestado a presença de dois, três ou mais monges, que ampararam e aconselharam o povo daquela região, ajudando no sistema de organização, lutando pelos direitos e interesses as terras, e manifestando através das praticas religiosas a crença a São João Maria, denominado pelos sertanejos, santo.

Ao analisarmos a autora Marli Auras na obra “Guerra do Contestado: A Organização da Irmandade Cabocla”, percebemos como esta retrata como eram organizadas as irmandades caboclas, na qual fundaram as vilas santas. No convívio das irmandades, criaram a visão de mundo, conduzindo o movimento de rebeldia, repelindo a ordem capitalista.

Ao se tratar de Mauricio Vinhas de Queiroz, Messianismo e Conflito Social, evidencia em sua pesquisa o tempo e a trajetória da vida dos monges, onde eles percorreram e conviveram com os sertanejos, destacando os aspectos religiosos e místicos dos sertanejos do contestado. O sertanejo imaginava um mundo de paz, justiça e felicidade. Na análise das tensões estruturais, responsáveis pelo conflito, a clara consciência dos sertanejos a garantir o seu “direito de terras”.

Ao interpretar Cabral, o autor nega o fator do fanatismo religioso o motivo do conflito. Define a origem dos três monges, o primeiro João Maria de Agostini, como bom e justo. O segundo, difere sobre os aspectos da religiosidade com a do primeiro, possuindo ideias políticas confusas, devido a influência da revolução

federalista. E o terceiro, José Maria de Santo Agostinho, fez-se passar por irmão de João Maria, revelando-se um impostor. Defende os sertanejos do não afastamento da igreja católica, e por isso, a religiosidade é o motivo secundário do conflito, e que os monges não foram responsáveis pela organização dos rebeldes e nem eclosão do conflito.

Foi importante destacar a trajetória dos três monges profetas, João Maria De Agostini, João Maria de Jesus e José Maria de Santo Agostinho, atribuindo detalhes de suas vidas dentro de um contexto histórico a que estavam inclusos. Os ensinamentos desses monges foram incorporados a cultura dos sertanejos e deram apoio à resistência contra a ordem capitalista e asseguravam nas profecias, que futuramente ocorreria calamidades, precedida de castigos de Deus. Os mortos no conflito são a prova das profecias dos monges, e que esses anos de guerra mostraram que a religiosidade dos sertanejos foi algo enraizado e intenso, dando sentido e guiando a uma luta de vida ou morte.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubens. **O que é religião**. São Paulo: ARS poética, 1999.
- AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da Irmandade Cabocla. Florianópolis: Ed. UFSC, 1984.
- BURKE, Peter. **A escrita da Nova História**: Abertura a Nova História, seu passado e seu futuro. São Paulo: USP, 1992.
- CABRAL, Oswaldo R. **A Campanha do Contestado**. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
- DERENGOSKI, Paulo Ramos. **Guerra no contestado**. Florianópolis: Insular, 2000.
- ESPIG, Márcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro (Orgs). **A Guerra Santa revisitada**: novos estudos sobre o movimento do Contestado. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.
- FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria**: Recusa dos Excluídos. Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912 – 1916). São Paulo: Unicamp, 2004.
- MIRANDA, Jorge. **Manual de direito constitucional**. 3. ed. Coimbra: Coimbra ed, 2000, t.4.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2 ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.
- QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social**: a Guerra Sertaneja do Contestado 1912-1916. 2. ed. São Paulo: Ática, 1981.
- SERPA, Élio C. **A Guerra do Contestado (1912-1916)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- THOMÉ, Nilson. **Os Iluminados**: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado. Florianópolis: Insular, 1999.
- VALENTINI, Delmir J. **Da cidade santa à corte celeste**: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado. 3. ed. Caçador: UnC, 2003